

Introdução*

No dizer de Delumeau, o milenarismo, mais do que a expectativa ansiosa da passagem dos milénios, com toda a sorte de enigmas e terrores de um mundo prestes a acabar em fogo e gelo, é, antes de mais ou também no verdadeiro e mais profundo sentido, a crença num período de mil anos de felicidade terrestre, a crença no regresso aos velhos tempos do Éden inicial, que se confunde com a época de ouro do velho Saturno e que, de acordo com a escatologia judaica, cristã e islâmica, terminará no fim dos tempos com a vitória definitiva do bem sobre o mal.

Ora, este final escatológico não é estranho aos movimentos milenaristas da Idade Média e dos tempos da Reforma, anunciadores das catástrofes que abrirão caminho a esse final redentor de igualdade e fraternidade entre os homens e entre estes e a natureza, movimentos esses que encontraremos nos finais do século XVIII, XIX e XX, sob as roupagens das lutas sociais de inspiração jacobina, socialista, anarquista e marxista, onde a presença de Joaquim de Fiore ou de Müntzer é por demais evidente.

Por outro lado, a crença no progresso tecnológico e na ciência originou um aparente novo tipo de milenarismo secularizado que iremos já encontrar em Bacon, Pascal, Fontenelle e, mais tarde, em Leibniz, Hume, Adam Smith, Lessing ou Comte, todos eles acreditando mais ou menos num futuro radioso, dominado pela ciência, pela ética e pelo direito, muito embora as contra-utopias do século XX, com origens no pessimismo de Schopenhauer, e evidenciadas sobretudo em Kraus, Spengler, Huxley, Wells, ou em Kafka, Musil, Bloch e a Escola de Frankfurt, surjam como o lado lunar da fé milenarista, ou o negativo do optimismo desmedido da ciência, da tecnologia e na mudança social, presentes embrionariamente sobretudo a partir das Luzes e que este século pôs em grande parte em causa.

Daí os medos, a ansiedade de uma sociedade aparentemente des-sacralizada e sem utopias, que procura de novo o refúgio contra a solidão, a insegurança e o medo nos novos movimentos messiânicos, na nova angeologia, nos exotismos orientais, nos fundamentalismos religiosos, no regresso ao paganismo e ao culto da natureza, na assunção de esoterismos mais ou menos esquecidos ou numa visão fantástica e – porque não – naïve da ciência e do cosmos, tal como os velhos milenaristas fizeram à sua maneira.

São estas, em traços muito gerais, as principais linhas de força que atravessam a problemática do Milénio e que procurámos abordar num encontro interdisciplinar realizado na Universidade Fernando Pessoa do qual resultaram os textos agora publicados e que abrangem áreas que vão desde a antropologia e a psicologia, até à literatura e à estética, passando pela teologia, pela história, pela política e a museologia. São textos algo datados – anteriores, nomeadamente, ao 11 de Setembro e à vaga de atentados que se lhe seguiram – pelo que não será de estranhar a ausência de referências a estes acontecimentos que marcaram o início do novo Milénio. No entanto, porque constituem reflexões em torno do futuro e das várias possibilidades de leitura do mesmo, poderão fornecer pistas para prosseguir o esforço de interpretação de novas e velhas realidades diante das quais permanecemos perplexos.

José Soares Martins

Teresa Maria Leal de Assunção Martinho Toldy

* As normas editoriais de citação bibliográfica da ANTROPOlógicas não são observadas neste número por se tratar da publicação de dois colóquios com origem muito diversa dos textos.